

Cantando povos indígenas e não sobre povos indígenas: Uma experiência com Música Indígena em sala de aula.

Marcelo Saldanha das Neves²⁶

Resumo: A Educação Musical na contemporaneidade deve estar atenta a reflexão política acerca dos diferentes repertórios musicais. Neste contexto surge a importância dos trabalhos realizados em diferentes espaços educacionais sobre as músicas dos povos que formam as matrizes da nossa cultura. Neste relato, explico sobre uma atividade que realizei com crianças e adolescentes de 10 a 16 anos pertencentes a turma de Canto Coral da Associação em que trabalhei, utilizando como suporte didático os livros “Outras terras, outros sons” das pesquisadoras Berenice de Almeida e Magda Pucci, como forma de promover uma compreensão das culturas indígenas brasileiras em toda sua regionalidade e complexidade. A atividade envolveu três momentos, sendo o primeiro de curadoria dos assuntos e materiais que seriam discutidos; o segundo, enquanto uma oportunidade de diálogo a partir dos referenciais sociais, culturais e políticos dos povos indígenas e um terceiro momento baseado na execução do arranjo de uma música dos povos Mbyá-Guarani. Este trabalho trouxe aos (as) alunos (as) uma percepção crítica e engajada em relação a resistência e produção cultural dos povos indígenas, principalmente sabendo que estes povos ainda são perseguidos devido aos conflitos econômicos com grandes latifundiários que ameaçam sua existência e permanência em determinados espaços.

Palavras-chave: Educação Musical, Música Indígena, Povos Indígenas, Cultura Indígena.

Resumen: La Educación Musical en los tiempos contemporáneos debe estar atenta a la reflexión política sobre los diferentes repertorios musicales. En este contexto, la importancia del trabajo realizado en diferentes espacios educativos sobre las canciones de los pueblos que conforman la sede de nuestra cultura. En este informe, explico una actividad que realicé con niños y adolescentes de 10 a 16 años perteneciente al grupo de Cantantes Corales de la Asociación en el que trabajé, utilizando como apoyo didáctico los libros "Outras terras, otros sons" de los investigadores Berenice de Almeida y Magda. Pucci, como una forma de promover un entendimiento de las culturas indígenas brasileñas en toda su regionalidad y complejidad. La actividad involucró tres momentos, siendo el primero de curación de los temas y materiales que se discutirían; El segundo, como una oportunidad para el diálogo basado en las referencias sociales, culturales y políticas de los pueblos indígenas, y un tercer momento basado en el arreglo de una música de los pueblos Mbyá-Guaraní. Este trabajo ha traído a los estudiantes una percepción crítica y comprometida con respecto a la resistencia y la producción cultural de los pueblos indígenas, especialmente sabiendo que estos pueblos aún son perseguidos debido a los conflictos económicos con los grandes terratenientes que amenazan su existencia y permanencia en ciertos espacios.

Palabras clave: Educación Musical, Música Indígena, Pueblos Indígenas, Cultura Indígena.

Abstract: Musical Education in contemporary times must be attentive to the political reflection on the different musical repertoires. In this context, the importance of the works carried out in different educational spaces on the songs of the peoples that form the headquarters of our culture arises. In this report, I explain an activity that I performed with children and adolescents from 10 to 16 years belonging to the group of Choral Singing of

²⁶ Mestre no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UEM (Universidade Estadual de Maringá). Licenciado em Música pela Unoeste (Universidade do Oeste Paulista). Possui experiência na pesquisa sobre abordagens educacionais em Música; Educação e Multiculturalidade; Música no contexto das escolas públicas e atualmente se dedica a pesquisas em Sociologia da Arte.

the Association in which I worked, using as a didactic support the books "Outras terras, outros sons" of the researchers Berenice de Almeida and Magda Pucci, as a way to promote an understanding of Brazilian indigenous cultures in all their regionality and complexity. The activity was developed on three moments, the first was the curation of the subjects and materials that would be discussed; The second, as an opportunity for dialogue from the social, cultural and political references of indigenous peoples and a third moment based on the implementation of a music arrangement of the Mbyá-Guarani peoples. This work has brought to the students a critical and engaged perception regarding the resistance and cultural production of indigenous peoples, especially knowing that these peoples are still persecuted due to the economic conflicts with large landowners that threaten their existence and permanence in certain spaces.

Keywords: Musical Education, Indigenous Music, Indigenous People, Indigenous Culture.

Introdução

A Educação Musical, enquanto uma prática política, deve contribuir com o processo de conscientização a respeito das matrizes que compõem as diferentes culturas. Tratando-se do Brasil, é preciso ressaltar nossa matriz nativa indígena, a participação dos negros nas práticas culturais que aqui se consolidaram, além da influência colonizadora dos povos brancos nestes processos. Levando em consideração a reflexão sobre as circunstâncias em que se deram esses processos, demarcando os conflitos que os antecederam e sucederam e pensando na possível hegemonia de uma prática cultural em detrimento das demais.

Na ação jesuítica, desde os primeiros tempos no Brasil, duas características podem ser imediatamente percebidas: o rigor metodológico de uma ordem de inspiração militar e a imposição da cultura lusitana, que desconsiderava a cultura e os valores locais, substituindo-os pelos da pátria portuguesa (FONTERRADA, 2008, p. 208).

A desconstrução de uma ideia romântica a respeito da colonização do território brasileiro precisa ser um compromisso da educação, pois esta perspectiva fomentou violências que até hoje resguardam danos aos povos nativos deste espaço. Acredito, a partir deste contexto, em propostas na Educação Musical que a compreendam como um campo da ciência fundamental no resgate e manutenção das referências culturais do nosso país. Utilizo, como exemplo, uma experiência realizada na Associação em que trabalhei para refletirmos sobre as possibilidades que as práticas pedagógicas em Música possuem na construção de novos imaginários acerca de povos subalternizados através de dinâmicas históricas de poder.

Minha formação enquanto educador passeou por diversas estéticas musicais, reconhecendo em cada uma delas sua importância histórica no contexto político em que se tornaram possíveis e necessárias. A música, para povos indígenas e negros no Brasil,

consolidou-se também como uma forma de resistência e manutenção dos signos que caracterizam suas culturas frente a dominação europeia dos seus territórios e corpos.

Depois de três anos dentro de uma instituição em que trabalhei pude perceber que os (as) alunos (as) já haviam sido apresentados a repertórios musicais que possuíam influência dos povos negros, mas no que se referia a música essencialmente indígena, pouco ou nada conheciam. Bem distante dessa realidade, quando conversávamos sobre o que conheciam a respeito dos povos indígenas do nosso país eu sentia que estavam submetidos (as) a conteúdos que fazem alusão a estes povos de maneira a inferiorizá-los, considerando suas práticas primitivas. Identificando isso foi necessário planejar atividades onde as culturas dos povos indígenas fossem apresentadas, ressaltando sua regionalidade e complexidade.

Entendendo a urgência de desenvolver um trabalho sobre estes povos, principalmente na contemporaneidade em que os conflitos entre eles e os grandes latifundiários tem se acentuado, bem como se observa uma omissão dos poderes políticos em relação as questões de demarcação de terras, colocando em risco sua existência, fui em busca de materiais didáticos que me oferecessem algum suporte. Acessando meus cadernos da graduação, encontrei um material que foi apreciado e discutido nas aulas de Didática Musical, os livros “Outras terras, outros sons” das professoras e pesquisadoras Berenice de Almeida e Magda Pucci.²⁷

Descrevendo a sala de aula

O polo da Associação em que trabalhei funcionava no espaço de uma entidade socioassistencial da cidade que atendia crianças em situação de vulnerabilidade social, sendo essa entidade coordenada por lideranças religiosas do município. Porém, é importante ressaltar que independente dessa prerrogativa, o nosso trabalho possuía certa autonomia, já que não respondíamos a liderança da entidade, apenas compartilhávamos do mesmo espaço físico para realizar nossas atividades.

²⁷ O material de etnomusicologia destas pesquisadoras oferece um resgate da música dos povos indígenas, mas não somente, pois reflete sobre a Música na Educação, o fenômeno do Multiculturalismo e uma série de canções de matrizes indígenas, africanas e portuguesas em diferentes interpretações. Os diferentes arranjos nos permitem observar quais estão mais próximos da realidade de compreensão do grupo musical com o qual estamos trabalhando para, posteriormente, desenvolvê-los. Acho importante destacar também que, como se trata de um resgate realizado por duas pesquisadoras que não são indígenas, deve existir um cuidado ao afirmar que são repertórios fidedignos aqueles realizados pelos povos pesquisados, mas talvez, entre os materiais existentes, são aqueles que oferecem um suporte maior para que nós educadores (as), que não tivemos contato com estes povos e suas práticas musicais, possamos oportunizar algum conhecimento mais engajado a nosso (as) alunos (as).

As crianças e adolescentes que eram ali atendidas (os), no contraturno da escola, em sua maioria, acabavam por se tornar nossas (os) alunas (os), mas também atendíamos outras (os) que não eram vinculadas a entidade. Há alguns anos atrás nossos (as) alunos (as) eram, predominantemente, pertencentes a entidade. No momento em que desenvolvi esta atividade, esse dado já se apresentava equilibrado de outra forma, com algumas turmas, quase que inteiramente, formadas por alunos (as) de fora. Esse dado se torna relevante, uma vez que, quando atendíamos mais crianças e adolescentes da entidade lidávamos com quadros de vulnerabilidade social maior.

A atividade com o repertório indígena envolveu uma turma de Canto Coral formada por 20 alunos (as), sendo 9 meninos e 11 meninas que possuíam entre 10 e 16 anos. Parte dos (as) alunos (as) eram iniciantes e outros (as) já conheciam alguns elementos musicais, como: parâmetros do som, figuras musicais, escalas maiores e outros conteúdos pertinentes ao canto coral, pois já vinham de uma experiência na Iniciação Musical, no Canto Coral ou em algum outro curso de Música oferecido em nosso polo. Entre estes (as) alunos (as) havia também um equilíbrio entre os (as) que eram de fora e aqueles (as) que eram de dentro da entidade, sendo aproximadamente 50% de cada público.

No espaço da sala de aula onde eu ministrava dois cursos, sendo um de Canto Coral e o outro de Iniciação Musical, havia um teclado como instrumento de acompanhamento, materiais de papelaria para atividades que envolviam registros visuais e uma série de instrumentos rítmicos como: afoxé, agogô, caxixi, clava, côco, meia-lua, ovinhos, pandeiro, reco-reco, xilofone, triângulo, entre outros.

Para realização dessa atividade utilizamos dois xilofones, um afoxé, seis ovinhos, um tamborim (para substituir o tambor), além da voz das crianças. A escolha desses instrumentos se baseou no arranjo selecionado para a peça que realizamos e a princípio privilegiei os alunos que já possuíam algum conhecimento musical para tocar os instrumentos percussivos, pois acreditei que eles possuiriam mais facilidade em tocar e cantar, mas isso mudou ao longo dos ensaios.

Relato de experiência

Preparei a atividade iniciando com alguns slides que traziam referências teóricas sobre a cultura e produção artística dos povos indígenas, ressaltando os conflitos sociais e políticos que envolviam a (re)existência destes no Brasil. Pensando em como poderia abordar esses temas respeitando a idade das crianças optei por utilizar uma linguagem

acessível para que aquele conteúdo fizesse sentido para elas. Uma semana após a comemoração do “dia do índio” levei o material para as crianças e iniciamos a atividade.

Nos primeiros slides eu trazia imagens das produções indígenas no que diz respeito a dança, música, artes visuais e convidei todos (as) a pensar sobre como essas produções aconteciam, em muitos povos, de forma simultânea. Salientei também, que essa simultaneidade estava muito associada aos ritos praticados pelos povos indígenas e como neles, a música, dança, cena e a produção visual estão intrinsecamente relacionadas, reforçando ainda que cada povo indígena possui manifestações próprias e não podemos pensar nesses rituais e/ou mesmo práticas artísticas de forma homogênea em todos os povos.

Muitas contribuições surgiram já neste momento, a partir de informações que as crianças e adolescentes já haviam apreendido em outros espaços, sobre como estes povos extraíam tinta a partir das árvores para colorir seus corpos, artesanatos e instrumentos, por exemplo. Comentaram também acerca de como esses grupos produziam seus próprios instrumentos musicais a partir do que encontravam nas florestas, entre outras observações feitas a partir das imagens.

Na sequência eu trouxe alguns dados sobre a quantidade de povos indígenas estimada no período em que os povos brancos chegaram no território brasileiro e quantos povos existem hoje. Esses dados apareciam dissociados justamente para observar se a sala conseguiria relacioná-los. E essa foi a segunda provocação que propus a eles (as).

É muito difícil saber, com precisão, o número exato da população indígena na época da chegada dos portugueses. Os dados históricos são escassos, mas, de acordo com algumas pesquisas, estima-se que a população indígena era em torno de 2 a 4 milhões, distribuída em 1.400 povos. A variedade linguística era grande, com dois troncos divididos em 45 famílias linguísticas. Hoje, encontramos uma situação muito diferente, em que a estimativa da população indígena no Brasil, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, é cerca de 810 mil habitantes, totalizando cerca de 238 povos indígenas com 180 línguas diferentes (ALMEIDA e PUCCI, 2015, ps. 59 e 60).

Os alunos (as) trouxeram diversas hipóteses sobre essa redução de aproximadamente 3.000.000 de indígenas organizados em 1400 povos para 810.000 indígenas organizados em 238 povos na contemporaneidade. As primeiras falas afirmavam que isso poderia ter acontecido pelas doenças que os povos brancos trouxeram, pelos conflitos armados que se instauraram ou mesmo pelas mortes de indígenas por velhice.

Nenhuma das hipóteses levantadas foi descartada, mas tentei problematizar cada uma delas e começando pela questão da velhice, que foi trazida pelas crianças mais novas

de 10 a 12 anos, perguntei a elas se a população diminuiria tanto se estes povos tivessem morrido por estar velhos. Dessa forma restaram as outras duas hipóteses, que foram trazidas, em sua maioria, pelas crianças de 13 a 16 anos, e em relação àquela que tocava nas doenças trazidas pelos povos brancos reiterei que isso foi uma realidade, mas que nem todos os povos indígenas entraram em contato com os povos brancos, sendo que alguns deles, até hoje, não o fizeram e que por isso, ela sozinha, não seria suficiente para fomentar essa imensa redução da população indígena ao longo do tempo.

Então fomos para a outra hipótese que atribuía a essa redução, os conflitos armados que se estabeleceram entre povos brancos e indígenas. Perguntei a eles se alguém sabia quais os motivos que levaram e ainda levam esses conflitos a acontecerem e algumas respostas surgiram. Mesmo não me recordando de todas as respostas, lembro-me que aproveitei para falar sobre o conflito originado na disputa pelas terras que até hoje é bastante intenso e responsável pelo extermínio de diversos povos indígenas.²⁸

Essa questão foi a que levou mais tempo para ser discutida, porque foi ela que me provocou a realizar essa atividade com as crianças. Pedi que elas pensassem e respondessem de quem elas acreditavam que eram as terras em que viviam indígenas, deles ou dos povos brancos e a resposta foi quase unânime, dos grupos indígenas! Em seguida, perguntei se hoje nós podemos pensar que essas terras são dos indígenas ou dos latifundiários que as utilizam para outras atividades econômicas, como o agronegócio, por exemplo. As opiniões a partir daí se dividiram um pouco mais, mas parte dos (as) alunos (as) ainda afirmavam que as terras eram dos povos indígenas, pois eles chegaram nelas primeiro.

Complementando essa discussão trouxe a eles a situação política atual tocando principalmente na necessidade de demarcação das terras onde vivem os povos indígenas, nos conflitos que tem se instaurado e a participação política de líderes indígenas para defender a existência dos seus povos. Falei também sobre o posicionamento de diversos órgãos políticos perante a necessidade de se respeitar esses povos e ajudar na preservação da sua história. Mesmo compreendendo a profundidade desse tema para crianças, achei que não podia deixar de trazê-lo, principalmente pelo fato de já possuir alguns adolescentes na sala de aula que já ouviram sobre essa tema em suas aulas de História e/ou Geografia.

²⁸ Segundo dados do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) presentes no Relatório “Violência contra os povos indígenas no Brasil” houve no ano de 2015, 137 assassinatos de indígenas em todo o país, além de 87 casos de suicídio. O CIMI atribui esses casos a ofensiva da bancada ruralista no Congresso Nacional e a omissão dos três poderes nacionais quanto a demarcação das terras indígenas.

A atividade teve sequência com uma conversa sobre as culturas indígenas especificamente, desconstruindo a ideia de homogeneidade entre elas, propus que as crianças e adolescentes pensassem se todos os grupos indígenas se comunicavam da mesma forma e novamente surgiram colocações muito significativas. Um dos alunos disse que alguns povos poderiam até se comunicar de outra forma, que não através da oralidade, por exemplo.

Discutimos também sobre como acontece o contato dos povos indígenas com os brancos, nas transformações que isso provocou em ambos os povos e que alguns grupos indígenas nunca estiveram em contato com os brancos ou mesmo com outros povos indígenas. Pedi que os alunos me dissessem se acreditavam que os povos indígenas eram menos evoluídos que nós que vivemos nas cidades, por não se organizarem da mesma forma e muitos (as) deles (as) disseram que sim, justificando que os indígenas não possuíam os recursos tecnológicos que possuímos, por exemplo. Solicitei que os (as) alunos (as) pensassem se isso era uma questão de superioridade ou apenas de diferentes modos de vida, de economia, mas muitos ainda se mantiveram resistentes na sua percepção.

Outro ponto importante a considerar é o próprio dinamismo das sociedades indígenas. Como qualquer outro povo, elas estão em constante transformação. A ideia de que seriam *sociedades sem história* ou *sociedades congeladas no tempo*, pelo fato de não mudarem da mesma forma que as sociedades ocidentais, é parte de uma perspectiva etnocêntrica (COLLET, PALADINO E RUSSO, 2014, p. 19).

Para, inclusive, auxiliar na desconstrução dessa ideia partimos para o estudo especificamente musical dos povos indígenas, como uma forma de demonstrar a complexidade de algumas criações desses povos e sua transformação ao longo do tempo. Trouxe algumas informações sobre a estética de grande parte das Músicas Indígenas, como a forma cíclica das melodias, a presença de um pulso regular e bastante evidente, o timbre vocal anasalado e a diversidade de instrumentos que estes povos produzem e utilizam em suas práticas culturais.

Escolhi para execução dos alunos, a peça “Nhamandú” presente no livro das pesquisadoras Magda Pucci e Berenice de Almeida que é uma canção dos povos Mbyá Guarani²⁹. Todos (as) ouviram a peça em dois arranjos diferentes presentes no material

²⁹ Os povos Mbyá-Guarani pertencem a família Tupi-Guarani e vivem no sul do Mato Grosso do Sul, litoral de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande Sul, também sendo encontrados no Paraguai, Argentina e Uruguai. Foram os primeiros a estabelecer contato com os europeus e por isso, muitos foram catequizados pelos jesuítas. Mesmo após esse contato os Mbyá-Guarani conseguiram preservar suas tradições e seus rituais religiosos.

citado acima e solicitei que prestassem atenção em todos os elementos. A escolha dessa música se deu pela complexidade do arranjo que, ao meu ver, estava bastante próxima do que os (as) alunos (as) daquela turma compreendiam.

Falamos também sobre a letra da música e seus significados. O material didático trazia orientações sobre a pronúncia das palavras que nos auxiliaram a manter a coerência com os povos que as utilizam em sua linguagem. Praticamos algumas vezes a fala de cada palavra reforçando a importância da nasalidade como uma característica fundamental para interpretação desse repertório e a princípio isso se tornou motivo de brincadeiras, com os (as) alunos (as) exagerando nessa característica na hora de falar ou cantar palavras que não conheciam. Depois de lidas e compreendidas as palavras da música partimos para a leitura e execução do arranjo.

O arranjo escolhido foi organizado em duas linhas melódicas para voz, uma para xilofone e três linhas rítmicas para diferentes instrumentos percussivos. Lemos a primeira voz juntos (as), reconhecendo as notas e em seguida começamos a ler os instrumentos percussivos. Como parte dos (as) alunos (as) ainda não possuem fluência na leitura, escrevi as sequências na lousa e as treinamos através de imitação, já que as células rítmicas se repetem durante todo o arranjo.

O maior desafio foi fazer com que as crianças e adolescentes se organizassem entre todas essas possibilidades, mas mesmo contrariando minha proposta inicial de atribuir os instrumentos aos (as) alunos (as) mais experientes musicalmente conseguimos chegar a um acordo: em cada aula as crianças e adolescentes se revezariam entre essas possibilidades de execução, facilitando inclusive uma compreensão ampla do arranjo por cada uma delas.

Entre planejamento da atividade, diálogo, estudo e execução do arranjo levamos cerca de dois meses. Considero essa como uma das atividades mais importantes que já realizei. Mesmo observando que nem todos (as) desconstruíram ideias preconceituosas, acredito que o que foi proposto nessa atividade pode ter auxiliado no reconhecimento da riqueza e complexidade das culturas dos povos indígenas brasileiros.

Todas as colocações trazidas pelos (as) alunos(as) me possibilitam acreditar nesta afirmação, mesmo aquelas que carregavam algum preconceito aprendido em outros ambientes. Foi através destas ideias que pude perceber que existia um problema a ser trabalhado com aqueles (as) alunos (as). Se todos (as) estivessem cientes das violências que a colonização significou e ainda significa a indígenas e negros não existiria motivo para realizar essa atividade desta maneira.

O nosso estranhamento e, conseqüentemente dos (as) alunos (as), principalmente, em relação as famílias linguísticas dos povos indígenas apenas nos diz sobre como fomos negligenciados das nossas referências históricas e culturais durante a formação da nossa consciência. Resultado de um processo de alienação que produz esta crise ética e política que vivemos em relação as desigualdades existentes no território brasileiro e evidencia nossa subalternização as práticas culturais europeias.

A atividade realizada com esta turma me auxiliou a acreditar no potencial que a Educação Musical possui nos diversos espaços, principalmente os públicos. Refletimos, respeitando o repertório de vida que cada um (a) trazia junto de si para a sala de aula, sobre os conflitos entre povos indígenas e brancos, sobre a diversidade de formas de comunicação de cada grupo indígena e sobre a riqueza das manifestações artísticas desses povos.

Deixo aqui uma crítica que construí em relação aos espaços de educação que concentram recursos que poderiam também estar presentes nas Escolas Públicas, pois em todos os momentos em que realizava a atividade eu pensava no seu potencial se desenvolvida nesse espaço, com toda a possibilidade de discussão que os espaços públicos nos oferecem. Lutar pela Educação Pública nunca foi tão necessário quanto nos últimos tempos em que os processos de privatização, sustentados pelo avanço de governos neoliberais, têm tomado fôlego em diversos espaços.

Este trabalho com o repertório indígena foi uma das possibilidades para propor a desconstrução de uma série de percepções sobre estes povos, percepções estas baseadas na hegemonia das práticas artísticas europeias em detrimento daquelas de matriz indígena ou negra no nosso país.

É importante ressaltar que o que produzimos em sala de aula, musicalmente, não é e nem pretende ser idêntico ao que os povos indígenas produzem, foi apenas uma tentativa de interpretação deste material, já que o nosso acesso e diálogo com essas populações ainda tem suas dificuldades, mas acho que antes conhecer e cantar o que eles cantam, respeitando e não se utilizando dos seus símbolos, do que cantar sobre eles e de forma a subalternizá-los como alegoria. Cada vez mais é preciso empoderar as minorias sociais para lutar por seu espaço em uma sociedade onde as práticas que fomentam a desigualdade social tem se consolidado, quando não, se expandido.

Ressalto ainda a importância de observar os trabalhos acadêmicos que vem sendo realizados para discutir a importância do respeito aos povos indígenas, principalmente para aqueles e aquelas que pretendem se dedicar a produção de atividades sobre eles. É preciso se atentar, por exemplo, a desconstrução de ideais românticos sobre sua história e a

utilização correta de termos, como a substituição do termo “índio” por “indígena”. Outro aspecto importante a ser levado em consideração é o protagonismo destes povos em suas narrativas. Se houver, em nossos espaços, um indígena que possa falar sobre seu povo, que ele ou ela fale e que nós escutemos. Se não o houver, que pesquisemos e não permitamos que os (as) nossos (as) alunos (as) se formem sem a consciência de que estes povos existem e resistem há muito tempo e que sem eles muito do que nós vivemos não existiria da forma como conhecemos. Enfim, a construção de um trabalho como este, deve se basear numa perspectiva ética, no sentido de contribuir com a redução das desigualdades sociais.

Referências

ALMEIDA, B. de. PUCCI, M.D. *Outras terras, outros sons*. São Paulo: Callis, 2015

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 17 de Jul. 2019.

COLLET, C; PALADINO, M; RUSSO, K. *Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2014. Disponível em: <http://indiosnonordeste.com.br/wp-content/uploads/2014/06/Quebrando-preconceitos.-subs%C3%ADdios-sobre-a-tem%C3%A1tica-ind%C3%ADgena-e-o-ensino_Celia-Collet.pdf> Acesso em 17 de Jul. 2019.

FONTEERRADA, M. T. de O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: UNESP, 2008.

CIMI. Relatório: *Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2015*. Disponível em <<http://www.cimi.org.br/pub/relatorio2015/relatoriodados2015.pdf>> Acesso em 17 de Jul. 2019.